

As estratégias de codificação da negação na língua ndau

Negation coding strategies in the ndau language

Jaime José Miranda*

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Três Lagoas, Brasil

Taísa Peres de Oliveira*

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Três Lagoas, Brasil

Resumo: Este trabalho tem como objetivo identificar e classificar os mecanismos de negação presentes em textos na língua Nda, partindo do pressuposto de que, a negação é a operação que inverte o valor da verdade de uma proposição. O estudo adota como método a pesquisa bibliográfica, que consiste no levantamento, seleção, análise e organização de informação sobre um tema específico, com intuito de construir um referencial teórico para a investigação. O corpus analítico é composto por vinte textos em Nda distribuídos em cinco grupos: contos, provérbios, adivinhas, música e textos narrativos de livros didáticos do 1º e 2º ano do ensino fundamental. Esses textos foram redistribuídos em categorias orais e escritas, e cada um recebeu uma codificação para facilitar sua organização e análise. Nda é uma língua moçambicana com cerca de 840.946 falantes, predominante nas províncias de Manica, Sofala, Tete, Inhambane e na Cidade de Maputo. A classificação de Guthrie (1967-1971), posiciona o Nda (S.15a) dentro do grupo linguístico Shona (S.10). Segundo Ngonyani (2002), existem três posições reservados à marca de negação nas línguas bantu: Pré-inicial, Pós-inicial e Pós-final. No entanto, a língua Nda apresenta dois mecanismos principais de negação a Pré-inicial e a Pós-inicial que serão analisados com base nos seguintes critérios: (i) posição da negação na frase; (ii) frequência de cada tipo de negação; (iii) estrutura gramatical da negação; e (iv) variação entre textos orais e escritos. Os textos orais demonstram maior flexibilidade e uso elíptico, enquanto os textos escritos apresentam formas mais estruturadas.

Palavras-chave: Língua Nda. Negação. Pré-Inicial. Pós-Inicial. Textos Orais e Escritos.

Abstract: This work aims to identify and classify the negation mechanisms present in Nda texts, based on the assumption that negation is the operation that inverts the truth value of a proposition. The study adopts bibliographic research as its method which consists of gathering, selecting, analyzing, and organizing information on a specific topic with the aim of constructing a theoretical framework for the investigation. The analytical corpus consists of twenty Nda texts distributed into five groups: short stories, proverbs, riddles, songs and narrative texts from 1st and 2nd grade elementary school textbooks. These texts were redistributed into oral and written categories, and each received a coding to facilitate their organization and analysis. Nda is a Mozabican language with approximately 840.946 speakers, predominantly in the provinces of Manica, Sofala, Tete, Inhambane, and Maputo City. Guthrie's classification (1967-1971) places Nda (S.15a) within the Shona language group (S.10). According to Ngonyani (2002), there are three positions reserved for the negation marker in bantu languages presents two main negation mechanisms: Pre-initial, Post-initial, and Post-final. However, the Nda languages presents two main negation mechanisms: Pre-initial and Post-initial, which will be analyzed based on the following criteria: (i) position of the negation in the sentence; (ii) frequency of each type of

* Estudante do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas/Brasil. E-mail: jamesmiranda27@gmail.com

* Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Professora Associada da Área de Linguística e Língua Portuguesa no Programa de Pós-Graduação em Letras, Presidente do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas, é membro do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática. Campus de Três Lagoas/Brasil. E-mail: taisa.p.oliveira@ufms.br

negation; (iii) grammatical structure of the negation; and (iv) variations between oral and written texts. Oral texts demonstrate greater flexibility and elliptical use, while written texts present more structural forms.

Keywords: Ndau language. Denial. Pre-Initial. Post-Initial. Oral and written texts.

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem como tema, as estratégias de codificação da negação na língua Ndau. Este artigo tem como objetivo, identificar e classificar o uso dos mecanismos de negação presentes em textos na língua Ndau, a negação é a operação que inverte o valor da verdade de uma proposição, desse modo, quando p é verdade, não p é falso. A problemática da negação por parte dos falantes dessa língua, trata-se, pois, de um tema referente ao processo de como é que os seus falantes devem conhecer as estratégias adotadas em Ndau para codificar a negação. Ndau é uma língua moçambicana com 840.946 falantes, predominante nas províncias de Manica, Sofala, Tete, Inhambane, e na Cidade de Maputo. A classificação de Guthrie (1967-1971), posiciona o Ndau (S.15a) dentro do grupo linguístico Shona (S.10), tem as seguintes variantes distribuídas: cidondo, cimashanga, cigova, cibangwe, ciqwaka, cidanda, cinyai, a variante de referência é cidondo, linguisticamente e geograficamente central. No que tange a problemática, a seguir temos a seguinte questão da pesquisa: *Quais são as causas que os falantes da língua Ndau não adotam o mecanismo de negação pós-final?*

No entanto, a língua Ndau apresenta dois mecanismos principais de negação a Pré-inicial e a Pós-inicial, de seguida apresentamos exemplos de duas frases:

Frase (1): handizivi/handizvopi kuha nyama. *'Não comi carne'*.

Na frase (1), estamos numa situação em que se usa um dos dois marcadores de negação que é handizivi ou handizvopi por forma a enfatizar a mensagem que ocorre sempre na posição inicial da frase.

Frase (2): Juwawu hazivi kuha nyama. *'João não comeu carne'*.

A frase (2) é considerada negativa devido a presença de hazivi que mesmo ocupando a posição pós-verbal, o seu escopo é o verbo a que segue. O hazivi funciona como um operador de negação, modificando o significado do verbo kuha (comer) e indicando que a ação de kuha nyama (comeu carne) por João não aconteceu. Diante do exposto, este artigo tem como objetivo geral analisar os fatores que os falantes da língua Ndau não adotam o mecanismo de negação pós-final.

2 DEFINIÇÃO

Ao abordarmos o tema acima citado, temos que definir a língua bantu, porque é essencial compreender seu significado e contexto, bem como sua aplicação e implicações nas mais diversas áreas, essa língua em estudo (Ndau) faz parte de uma língua do grupo

bantu, desse modo de acordo com Bleek (1862), língua bantu: é um conjunto de línguas faladas na África Meridional que apresentam características comuns a nível fonético, fonológico, morfológico e sintático. O termo Bantu¹ foi empregue pela primeira vez por Wilhelm Heinrich Bleek em 1862 no seu trabalho sobre a linguística. Esta designação resulta da reconstituição do vocábulo que designa gente, povos ou pessoas, exemplos em algumas línguas moçambicanas.

Língua Emakhua: *munthu* 'pessoa' Classe 1 *antthu* 'pessoas' Classe 2

Língua Nda: *mundhu* 'pessoa' Classe 1 *vandhu* 'pessoas' Classe 2

Importa afirmar que nas línguas bantu as classes 1 e 2 referem basicamente aos seres humanos, estas classes devem associar-se regularmente em pares que opõem o singular ao plural de cada gênero.

2.1 CARATERÍSTICAS DAS LINGUAS BANTU

De acordo com Ngunga (2014:57), assim entre os investigadores, e quase consensual que uma língua bantu se distingue de outras línguas não bantu através dos seguintes critérios:

Critérios principais:

1. Ter um sistema de gêneros gramaticais não inferior a cinco apresentando as seguintes características:
2. Os indicadores de gêneros devem ser prefixos, através dos quais os nomes podem ser distribuídos em classes cujo número varia, geralmente, entre 10 e 20; as classes devem associar-se regularmente em pares que opõem o singular ao plural de cada gênero; quando uma palavra tem um prefixo independente (PI), prefixo nominal, como indicador de classe, toda a palavra a ela subordinada deve concordar com ela por meio de um prefixo dependente (PD), também chamado prefixo de concordância; não deve haver a correlação entre o gênero e a noção sexual ou qualquer outra categoria semântica claramente definida;
3. Ter um vocabulário comum a outras línguas, a partir do qual se pode reformular uma hipótese sobre a possível existência de uma língua ancestral comum.

2.3 CRITÉRIOS SUBSIDIÁRIO

Ter um conjunto de radicais (RAD) invariáveis a partir dos quais a maior parte de palavras se forma por aglutinação de afixos, apresentando os seguintes traços:

¹ Deriva da palavra em línguas bantu que significa pessoas ou seres humanos

1. Uma estrutura básica do tipo -CVC-; juntando-se lhes sufixos gramaticais devem formar bases verbais (BV); juntando-se lhes sufixos lexicais (SNF) devem formar temas nominais (TN); Entre o radical verbal e o sufixo deve ser possível inserir-se um sufixo derivacional chamado morfema de extensão (EXT); os radicais devem aparecer sem afixos;
2. É importante referir que o sistema de classes não é característica exclusiva das línguas bantu, mas é nelas que, talvez melhor do que em qualquer outra língua, ele é mais desenvolvido e mais regular e sistemático. Os critérios aqui apresentados são apenas alguns de entre os vários propostos por diferentes estudos.

3 METODOLOGIAS

O estudo adota como método a pesquisa bibliográfica, que consiste no levantamento, seleção, análise e organização de informação sobre um tema específico, com intuito de construir um referencial teórico para a investigação. O corpus analítico é composto por vinte textos em Ndau distribuídos em cinco grupos: adivinhas, contos, música, provérbios, e textos narrativos de livros didáticos do 1º e 2º ano do ensino fundamental. Esses textos foram redistribuídos em categorias orais e escritas, e cada um recebeu uma codificação para facilitar sua organização e análise.

1. Adivinhas: frases enigmáticas tradicionais que podem apresentar diferentes formas de negação.
2. Contos: narrativas orais ou escritas que representam tradições culturais da comunidade Ndau.
3. Músicas: letras de canção popular que mostram o uso da negação em contextos musicais e poéticos.
4. Provérbios: expressão de sabedoria popular que podem conter estruturas negativas.
5. Textos narrativos de livros didáticos do 1º e 2º ano do ensino fundamental: textos formais que refletem a estrutura padrão da língua Ndau escrita. Esses textos podem estar em registro oral ou escrito possibilitando uma análise comparativa entre as duas modalidades (escrita e oral). O foco principal será a negação expressa por advérbios negativos como 'não' e suas variações na língua Ndau. Neste trabalho o sistema de coleta de dados será realizado em duas etapas que são: Seleção e organização de corpus, e Análise dos dados.

3.1 PRIMEIRA ETAPA: SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE CORPUS

Os textos serão selecionados a partir de fontes autênticas, como livros didáticos, materiais culturais; cada texto será codificado (identificado por números e letras) para garantir a organização do corpus e facilitar a análise; a negação será destacada e classificada conforme sua posição na sentença.

3.2 SEGUNDA ETAPA: ANÁLISE DOS DADOS

Análise dos dados será feita seguindo os seguintes critérios: Identificação dos advérbios de negação e sua função sintática na sentença; Registro da modalidade (escrita ou oral): para verificar variação no uso da negação; Análise comparativa entre os grupos textuais: verificando se a estrutura da negação varia conforme o gênero textual. Classificação das estratégias da negação: identificando quais os mecanismos são mais usados e se há variação entre falantes/escritores.

4 PRINCIPAIS MORFEMAS DE NEGAÇÃO NO NDAU

Segundo Ngunga (2014, p. 190, 197), a língua Ndaou expressa a negação por meio de um único sinal negativo que é o advérbio "ha-" ou "a-", assim como em outras línguas pode ser considerado como um morfema livre, ou uma palavra independente. A classificação do "ha-" ou "a-", como morfema em Ndaou depende do seu uso específico na palavra e do seu significado no contexto.

4.1 PREFIXO NEGATIVO "HA-" OU "A-"

Este é o marcador mais comum de negação em línguas bantu, inclusive o Ndaou; é colocado antes do verbo e pode variar conforme o tempo verbal e o sujeito.

Por exemplo temos duas palavras totalmente diferentes:

handiyendi 'não vou'

andizivikwenda 'não foi'

4.2 SUFIXOS VERBAIS NEGATIVOS

O verbo pode receber terminação específicas para indicar negação, como "-i" ou "-a", dependendo do tempo verbal. Como exemplo temos as seguintes palavras comparando com o Shona:

ha-a-fambi 'ele não caminha'

ndi-no-famba 'eu caminha'

5 ESTRUTURA SINTÁTICA DA LINGUA NDAU

A sintaxe da língua Ndaou desempenha um papel fundamental na adoção das estratégias de negação Pré-inicial e Pós-inicial. A combinação de fatores linguísticos e culturais da língua reflete a complexidade do uso da negação. Ela favorece a clareza e a flexibilidade, enquanto os fatores culturais asseguram que as escolhas sejam pragmáticas

e adequadas ao contexto social, em seguida vamos mostrar alguns aspetos que podem ser considerados:

5.1 A POSIÇÃO DOS ADVÉRBIOS E A SUA ESTRUTURA FRASAL

Negação Pré-inicial: essa estratégia coloca o advérbio de negação (não), antes do início da frase. Isso é comum em línguas que possuem uma sintaxe rígida e que dão prioridade à clareza no início da sentença. No Ndau essa construção pode ser utilizada para estabelecer imediatamente a intenção negativa da fala, o que reflete um foco pragmático.

Frase (1): handidi kubata basa nyamasi. *'Não quero trabalhar hoje'*.

Na frase (1), a palavra handidi, aparece no início da frase para negar imediatamente a ideia da oração. Isso reflete a estratégia pré-inicial, em que a negação é usada antes de qualquer outro elemento da sentença. No que tange ao aspecto sintático, essa estrutura introduz a intenção negativa desde o início, deixando claro o posicionamento do falante. Em contextos pragmáticos, isso pode ser usado para evitar ambiguidade, especialmente em situações formais ou onde a ênfase na negação é crucial.

Frase (2): kwete inini handisi kwenda kunyumba mangwana. *'Não, eu não vou para casa amanhã'*.

Na frase (2), a palavra Kwete (não) é usada como uma resposta negativa antes de iniciar a frase principal, reforçando a estratégia de negação pré-inicial. Quanto ao aspecto sintático, a duplicidade da negação (Kwete e handisi) enfatiza fortemente a negativa. Do lado pragmático, essa estrutura expressa negação enfática, muitas vezes usada em diálogos quando o falante quer enfatizar ou esclarecer uma resposta.

Frase (3): Kwete zvacose, hakuna njira pano. *'Não absolutamente, não há caminho aqui'*.

Dentro da frase (3), as palavras Kwete e zvacose (Não absolutamente) é uma negação pré-inicial enfática, enquanto hakuna (não há) reforça a negativa na sentença principal. Aspectos sintático desta frase, diz respeito a combinação de pré-inicial com outro marcador negativo na sentença principal demonstrando a flexibilidade sintática, e no ponto de vista da pragmática, reflete um estilo comum em contextos culturais formais, onde a ênfase na negação é socialmente importante.

Negação pós-inicial: posiciona o advérbio após o sujeito ou verbo inicial, é outra estratégia comum. Nesse caso a ênfase está no núcleo da sentença permitindo uma maior flexibilidade sem sacrificar a estrutura sintática.

Exemplos: Frase (1): Inini handidi zvacose. *'Eu não quero absolutamente'*.

Na frase (1), diz respeito a negação pós-inicial, o advérbio de negação handidi (não quero), é usado após o sujeito inini (eu), demonstrando a estratégia pós-inicial, quanto ao aspecto sintático a ordem, sujeito, verbo, negativo preserva a estrutura típica do Ndau, e o aspecto pragmático é comum em situações onde o foco está no sujeito ou na ação, permitindo maior flexibilidade sem sacrificar a clareza.

Frase (2): Nyamasi hapana ciri kuyitika. '*Hoje, nada está acontecendo*'.

Na frase (2), a palavra hapana (nada ou não há) aparece após a introdução do tempo nyamasi (hoje), posicionando a negação após o tópico inicial. E quanto ao aspecto sintático, o marcador de negação esta estrategicamente colocado para enfatizar o estado negativo do predicado, e o aspecto pragmático reflete o uso pragmático da negação pós-inicial para reforçar o tópico da frase.

Frase (3): Vandhu havafariri kuha m'punga. '*Pessoas não gostam de comer arroz*'.

O marcador havafariri (não gostam), aparece logo após o sujeito Vandhu (pessoas), caracterizando a negação pós-inicial. No que tange aos aspectos sintáticos, o foco está no verbo, que é negado enquanto mantém a estrutura natural do sujeito, verbo e objeto. Aspectos pragmáticos, nesta frase é usado para expressar opiniões ou descrições gerais de forma clara e precisa.

6 ANÁLISE DAS MARCAS DE NEGAÇÃO NA LÍNGUA NDAU NOS TEMPO PASSADO, PRESENTE E FUTURO COM OUTRAS LÍNGUAS MOÇAMBICANAS.

Para Ngunga (2014, p. 190, 197),

[...] além das marcas de sujeito, de objeto, de tempo aspecto e outras, a estrutura da forma verbal em bantu pode incluir a marca de negação, desta feita vamos analisar o verbo morder em diferentes línguas moçambicanas.

Como se pode ver nos seguintes exemplos:

Na língua Ndau: Passado: taruma '*mordemos*' → **hatizi** kuruma '*não mordemos*'

Presente: tinoruma '*mordemos*' → **hatirumi** '*não mordemos*'

Futuro: tinozoruma '*mordemos*' → **hatizorumi** '*não mordemos*'

Na língua Sena: Passado: ndaluma '*mordi*' → **hataluma** '*não mordemos*'

Presente: tisaluma '*mordemos*' → **hatisaluma** '*não mordemos*'

Futuro: ndinaluma '*mordi*' → **sinaluma** '*não morderei*' ou tinadzaluma **taye** '*não morderemos*'

Na língua Manyika: Passado: taruma '*mordemos*' → **hatizi** kuruma '*não mordemos*'

Presente: tinoruma *'mordemos'* → **hatirumi** *'não mordemos'*

Futuro: ticaruma *'morderemos'* → **hatizorumi** *'não morderemos'*

Na língua Cithswa: Passado: hilumile *'mordemos'* → **ahilumangi** *'não mordemos'*

Presente: halumile *'mordemos'* → **ahilumi** *'não mordemos'*

Futuro: hitaluma *'morderemos'* → **ahingataluma** *'não morderemos'*

Na língua Changana: Passado: hilumile *'mordemos'* → **ahilumanga** *'não mordemos'*

Presente: halumile *'mordemos'* → **ahilumi** *'não mordemos'*

Futuro: hitaluma *'morderemos'* → **ahingataluma** *'não morderemos'*

Na língua Rhonga: Passado: hilumile *'mordemos'* → **ahilumanga** *'não mordemos'*

Presente: halumile *'mordemos'* → **ahilumi** *'não mordemos'*

Futuro: hitaluma *'morderemos'* → **ahingataluma** *'não morderemos'*

Na língua Swahili: Passado: tuliluma *'mordemos'* → **hatuluma** *'não morderemos'*

Presente: tualuma *'mordemos'* → **hatuluma** *'não mordemos'*

Futuro: tataluma *'morderemos'* → **hatataluma** *'não morderemos'*

Na língua Mwani: Passado: titúma *'mordemos'* → **atilumile** *'não morderemos'*

Presente: tankuluma *'mordemos'* → **atili kuluma** *'não mordemos'*

Futuro: tíluma *'morderemos'* → **atiluma** *'não morderemos'*

Na língua Koti: Passado: naluma *'mordemos'* → **khaninlumeni** *'não mordemos'*

Presente: ninluma *'mordemos'* → **khaninluma** *'não mordemos'*

Futuro: ninluma *'mordemos'* → **khaninluma** *'não morderemos'*

Na língua Makhuwa: Passado: nooluma *'mordemos'* → **khanilumme** *'não mrdemos'*

Presente: niaaluma *'mordemos'* → **khaninluma** *'não mordemos'*

Futuro: niyooluma *'morderemos'* → **khaninluma** *'não morderemos'*

Na língua Nyungwe: Passado: tidaluma *'mordemos'* → **tiriibe kuluma** *'não morderemos'*

Presente: timbaluma *'mordemos'* → timbaluma **lini** *'não morderemos'*

Futuro: tindzaluma *'morderemos'* → tindzaluma **lini** *'não morderemos'*

Na língua Nyanja: Passado: tidaluma ‘*mordemos*’ → **sitidalume** ‘*não mordemos*’

Presente: tikuluma ‘*mordemos*’ → **tikuluma** ‘*não mordemos*’

Futuro: tíluma ‘*morderemos*’ → **sitizaluma** ‘*não morderemos*’

Na língua Yao: Passado: tulumíle ‘*mordemos*’ → **nganítulumá** ‘*não mordemos*’

Presente: túkúlumá ‘*mordemos*’ → **nganítulumá** ‘*não mordemos*’

Futuro: citúlume ‘*morderemos*’ → **ngatulumá** ‘*não morderemos*’

Na língua Chuwabu: Passado: taluma ‘*mordemos*’ → **khaniluma** ‘*não mordemos*’

Presente: ninoluma ‘*mordemos*’ → **khaniiluma** ‘*não mordemos*’

Futuro: ninoluma ‘*morderemos*’ → **khaninoluma** ‘*morderemos*’

Os morfemas em negrito nos dados acima correspondem as marcas de negação em cada língua. Como se vê, embora seja comum o fato de as marcas de negação se agrega à estrutura da forma verbal em bantu, a sua posição varia de acordo com o tempo e, por vezes, com a língua. Em Sena, por exemplo, a marca de negação é o prefixo **ha-** que ocorre sempre na posição inicial da estrutura da forma verbal, em todos os tempos e pessoas exceto a 1ª pessoa do singular que marca a negação através do morfema **si-** que, tal como o **ha-** nas outras pessoas gramaticais, ocorre na posição inicial da estrutura da forma verbal, seguido da marca do sujeito. Esta, por sua vez, que precede a marca de tempo imediatamente antes da raiz na ausência da marca do objeto.

Contudo, além do recurso ao morfema preso **ha-**, a língua Sena usa alternativamente, de forma muito produtiva e preferencial, o morfema livre **taye** ‘*não*’ como marca de negação que ocorre a seguir a forma verbal de todos os tempos e pessoas sem exceção. Neste caso, a forma verbal contém todos os elementos que o compõem na forma afirmativa e, para passar para a forma negativa, só se acrescenta a frase o morfema livre **taye** que significa ‘*não*’. Olhando para os dados acima, facilmente se pode compreender que os falantes preferam o morfema livre **taye** aos morfemas presos **si-** (1ª pessoa do singular), **ha-** como marca de negação, uma vez que ele (**taye**) deixa intacta a estrutura da forma verbal da afirmativa sendo, por isso, mais simples de usar do que as formas que contém os morfemas negativo presos como parte da estrutura da forma verbal.

Em Nyungwe, a marca de negação pode ser um morfema livre **lini** (no presente e no futuro), e aí ocorre a seguir a forma verbal. No segundo caso, a negação é expressa através de um verbo auxiliar **MS-ribe** (no passado) que, na estrutura da frase, ocorre imediatamente antes do verbo principal, o verbo negado. Em Nyanja, a marca de negação é o prefixo **si-** que ocorre em posição inicial da estrutura da forma verbal no, presente e no futuro. No passado, esse mesmo **si-** funciona como morfema descontínuo **si- -e**, em que **si-** se realiza como, prefixo e **e-** como sufixo que ocorrem na posição da forma verbal.

Em Chuwabu, de acordo com os dados acima, a marca de negação é **kha-**, que ocorre sempre em posição inicial da estrutura da forma verbal. Em Ndaou e Manyika, a marca de negação do passado e o morfema **ha- -i** afixado ao verbo auxiliar, sendo **ha-** prefixo e **-i** sufixo. Trata-se, portanto, de um morfema descontínuo. O verbo auxiliar contém as marcas de negação precede o verbo principal na estrutura da frase. No presente e no futuro a marca de negação é a mesma que no passado, **ha- -i**, com a diferença de nestes dois tempos o não aparece o verbo auxiliar. Portanto o morfema de negação afixa-se ao verbo principal, sendo o **ha-** em posição inicial da estrutura da forma verbal e o **-i** um sufixo que ocorre em posição final na mesma estrutura, como já foi mencionado.

Em Cithswa, a marca de negação do passado e **a- -ngi** que se afixa ao verbo principal, sendo **a-** prefixo e **-ngi** sufixo. E, portanto, um morfema descontínuo. No presente, a marca de negação é também um morfema descontínuo, **a- -i**, onde os morfemas **a-** e **-i** ocorrem nas extremidades da forma verbal, sendo o primeiro prefixo e o segundo sufixo. Esta situação é diferente da que se pode observar no futuro onde, apesar de a marca de negação, tal como no passado e no presente, ser um morfema descontínuo, **a- -nga-**, os dois morfemas são prefixos. O primeiro ocorre em posição inicial da estrutura da forma verbal e o segundo ocorre imediatamente antes da marca do tempo (**-ta**).

Em Changana e Rhonga, a situação é muito idêntica à de Cithswa onde todos os morfemas marcadores da negação são descontínuos. A marca de negação do passado é **a- -nga**, sendo **a-** prefixo e **-nga** sufixo. No presente, as marcas de negação nestas línguas são também morfemas descontínuos, **a- -i** ocorrem nas extremidades da forma verbais, sendo os primeiros prefixos e os segundos sufixos. Esta situação é diferente da que se pode observar no futuro das duas línguas onde, apesar de as marcas de negação, tal como no passado e no presente, serem morfemas descontínuo, **a- -anga-**, os dois morfemas são prefixos. O primeiro ocorre em posição inicial da estrutura da forma verbal e o segundo ocorre imediatamente antes da marca de tempo (**-ta**).

Como se vê, a única diferença entre Cithswa, Changana e Rhonga reside na vogal final da marca de negação no passado que é alta anterior (/i/) em Cithswa é baixa central (/a/) em Changana e Rhonga. Em Koti e Makhuwa, a marca de negação é **kha-** que ocorre como prefixo na estrutura da forma verbal nos três tempos básicos (passado, presente e futuro). Em Swahilli, a marca de negação é **ha-** em todos os três tempos em estudos, nomeadamente, passado, presente e futuro, mas deve-se acrescentar que **si- -i** na primeira passava do singular. Em Mwani, pode se identificar o **a-** como morfema de negação no passado e no futuro, e como morfe do morfema descontínuo que inclui o sufixo **-i**, no presente.

Em Yao, a marca de negação é **nga-** no presente e futuro próximo, e **ngani-** no passado (recente e remoto) e no futuro distante que ocorrem em posição inicial da estrutura da forma verbal. A posição do tom em todas as moras dos elementos que constituem a forma verbal, estabelece a diferença entre os diferentes tempos. De facto, o padrão tonal nas formas verbais negativas é algo complexo nesta língua. Seja qual for a estratégia usada pela língua, a negação frasal é, na prática uma negação do verbo enquanto núcleo da frase, marcada pela ocorrência dos verbos de negação na estrutura da forma verbal. Nos casos em que são morfema livres ou morfemas verbais auxiliares, a relação entre a partícula negativa ou verbo auxiliar com tal função e o verbo negado e ilustrado

pela impossibilidade pela inserção de qualquer material seja antes seja depois da forma verbal a ser negada. Mais uma vez, estes dados reforçam o caráter central do verbo na gramática das línguas bantu.

Em Yao, por exemplo, além dos morfemas segmentais, o tom desempenha um papel de relevo, entre outros, o de marcar a distinção de diferentes tempos. Assim, enquanto a marca de negação segmental **nga-** ocorre sempre na posição inicial da estrutura da forma verbal do presente e do futuro próximo, a marca **ngani-** ocorre em todos outros tempos. Todavia, é preciso realçar que uma vez que as formas verbais que não sejam do presente nem do futuro tem a mesma sequência segmental, podendo o tempo e o modo ser marcados por tom, como se pode ver a seguir:

nganítulumá 'não mordemos' (passado recente)

nganitulumá 'não mordemos' (passado remoto)

nganítulumá 'que não mordamos' (presente do conjuntivo)

Como se pode depreender, os exemplos acima ilustram que o tom desempenha uma função gramatical muito importante nesta língua e noutras, como já viu antes. Os exemplos até aqui vistos mostram os radicais não extensos ou não-derivados e a posição dos diferentes morfemas na estrutura da forma verbal.

7 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

A partir da análise de corpus de base, formulamos algumas explicativas e, com intenção de averguar até que ponto as hipóteses ora formuladas procuramos descrever, discutir, interpretar, assim como concluir o resultado. O corpus analítico é composto por vinte textos em Ndau distribuídos em cinco grupos: adivinhas, contos, música, provérbios, e textos narrativos de livros didáticos do 1^o e 2^o ano do ensino fundamental. Esses textos foram redistribuídos em categorias orais e escritas, e cada um recebeu uma codificação para facilitar sua organização e análise. Os textos foram organizados e codificados da seguinte forma: Adivinhas (A1), Contos (C2), Músicas (M3), Provérbios (P4), e Textos narrativos de livros didáticos do 1^o e 2^o ano do ensino fundamental (TNLD5), analisados que serão analisados com base nos seguintes critérios: (i) posição da negação na frase; (ii) frequência de cada tipo de negação; (iii) estrutura gramatical da negação; e (iv) variação entre textos orais e escritos. Especialmente as contruções conhecidas como negação Pré-inicial e a Pós-inicial, utilizadas pelos falantes da língua Ndau.

7.1 COMPARAÇÃO ENTRE MODALIDADE ORAL E ESCRITA

A comparação entre as modalidades revela que, embora ambas favoreçam a estratégia pós- inicial, a oralidade apresenta maior equilíbrio entre a negação pré e pós-inicial. Isso pode ser explicado pela natureza interativa da fala, que permite ao falante ajustar sua estrutura sintática em tempo real. A escrita, por outro lado, mostra uma

preferência mais clara pela negação pós-inicial, refletindo uma preocupação com a linearidade e a clareza textual. A constância da estratégia pós-final em ambas as modalidades sugere que essa forma de negação é estruturalmente marginal na língua Ndau, possivelmente restrita a contextos específicos de ênfase ou correção.

7.2 ANÁLISE DAS DUAS MODALIDADES

Como outras línguas bantu, a língua Ndau apresenta uma morfologia verbal complexa com prefixos e sufixos que indicam tempo, aspecto, modo e negação. A análise do discurso considera que a modalidade oral ou escrita influencia diretamente a estrutura sintática e a escolha de estratégias comunicativas. A oralidade tende à espontaneidade, à redundância e à interação direta, enquanto a escrita privilegia a organização lógica, a clareza e a coesão textual.

7.3 MODALIDADE ORAL

Na modalidade oral, a estratégia pós-inicial é ligeiramente predominante (50%), seguida pela pré-inicial (45%) e pela pós-final (5%). Essa distribuição revela uma tendência à flexibilidade sintática, característica da fala espontânea. A pós-inicial, que ocorre após o sujeito ou marcador temporal, permite ao falante construir a oração de forma progressiva, ajustando o conteúdo conforme a interação. A presença significativa da negação pré-inicial indica que, mesmo na oralidade, há momentos em que o falante opta por marcar a negação logo no início, possivelmente para enfatizar a oposição ou para responder diretamente a uma pergunta ou afirmação anterior. A estratégia pós-final, embora marginal, pode ocorrer em construções enfáticas ou em contextos de correção, com em: *Iwewe wakayita izi, handizivi kuyita 'você fez isso, não fiz'.*

7.4 MODALIDADE ESCRITA

Na escrita, a estratégia pós-final é claramente dominante (60%), enquanto a pré-inicial aparece com pouca frequência (35%). A pós-final mantém a mesma incidência marginal com (5%). Essa preferência pela pós-final na escrita pode estar relacionada à estruturação lógica das frases, em que o sujeito ou marcador inicial é seguido por uma negação que se encaixa naturalmente na progressão sintática. A escrita exige maior clareza e coesão, e a negação pós-inicial contribui para isso ao evitar ambiguidades. A pouca frequência da negação pré-inicial pode indicar que, na escrita Ndau, há menos necessidade de enfatizar a negação no início da frase, já que o contexto textual fornece suporte interpretativo suficiente. A análise da distribuição das estratégias de negação na língua Ndau revela padrões sintáticos e discursivos que se alinham com a tipologia bantu e com as exigências comunicativas de cada modalidade. A predominância da estratégia pós-inicial em ambas as modalidades confirma sua produtividade e adequação à estrutura verbal da língua Ndau. A variação entre pré e pós inicial na oralidade indica maior flexibilidade e adaptação ao contexto interativo, enquanto a escrita privilegia a organização

sintática mais estável. A estratégia pós-final, embora presente, permanece marginal, sugerindo limitações estruturais ou estilísticas.

8 ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO QUALITATIVA POR GÊNERO TEXTUAL

Gênero textual	Códigos	Estratégias dominantes	Observação
Adivinhas	A1	Pós-inicial	Negação fornece construção enigmáticas e reflexivas.
Contos	C2	Pós-inicial	Narrativas apresentam uso mais descritivo e estruturado.
Música	M3	Pós-inicial e pós-final	Padrão poético permite flexibilidade na estrutura.
Provérbios	P4	Pré-inicial	Clareza e concisão são fornecidas pela posição inicial.
Textos narrativos	TNLD	Pré-inicial e pós-inicial	Padrão formais obedecem a norma escrita da língua Nda.

Fonte: elaboração própria

8.1 CONTOS

Nos contos em Nda, a estratégia pós-inicial é dominante. Isso significa que a negação ocorre após o sujeito ou marcador temporal, permitindo uma construção mais fluída. Essa escolha está alinhada com a natureza descritiva e estruturada do gênero, que exige progressão sintática e coesão entre os elementos da narrativa. A pós-inicial favorece o desenvolvimento gradual da informação, mantendo o leitor ou ouvinte engajado por exemplo temos contos onde a negação aparece após o sujeito, mantendo a ordem natural da narrativa. Nestes contos a negação pós-inicial aparece já marcada.

CONTO: Shuro na Mbhondoro

Bhondoro yenga hama yo Shuro. Zuva rimwe Mbhondoro akati: 'Shuro viya, kundibesa tihwirwe nyama'. Asi Shuro **haazivi** kwenda ngokuti wayica. Mbhondoro, wakaimira, wakaimira, Shuro **hasi** kuvya. Pakupejisira, Mbhondoro akaziva kuti Shuro **haasipi** shanwari kwadi.

Tradução: O Coelho e o Leão

O Leão era irmão do coelho. Um dia o Leão disse: 'Coelho, vem me ajudar a caçar carne. Mas o Coelho **não foi**, porque tinha medo. O Leão esperou, esperou, e o Coelho **não vinha**. No fim, o Leão percebeu que o Coelho não era um amigo verdadeiro.

8.2 PROVÉRBIOS

Os provérbios em Nda preferem a estratégia pré-inicial, em que a negação aparece logo no início da frase. Essa escolha está relacionada à função dos provérbios: transmitir sabedoria de forma clara e concisa. A negação pré-inicial reforça o impacto da

mensagem. Essa estrutura direta facilita a memorização e a transmissão oral, características essenciais dos provérbios em cultura Ndau. É de salientar que os provérbios em Ndau colocam dois comportamentos numa relação direta ou metafórica. Usando o menos possível de palavras, exprimem o máximo possível de mensagens. Servindo-se para isso de fenômenos da natureza e da sua experiência cotidiana fazem, duma maneira pedagógica, aliviante, refrescante, artística, enigmática e polivalente, alusões à vida complexa e tensa numa sociedade. Os provérbios fazem parte do folclore de um povo, assim como as superstições, lendas e canções, pois são frutos das experiências desse um povo, representando verdadeiros monumentos orais transmitidos de geração em geração cuja autoridade está justamente nessa tradição; para seus destinatários tão anônimos quanto seus autores. Aprender provérbios significa reforçar a própria identidade nacional. Como mostra os exemplos abaixo de alguns provérbios em Ndau.

PROVÉRBIO: **Apana** cinoza wakagara. ‘**Não há coisa** que aparece na tua vida sem te esforçares’.

8.3 ADIVINHAS

As adivinhas também favorecem a estratégia pós-inicial, o que contribui para a construção de enigmas e reflexões. A posição da negação após o sujeito ou marcador inicial permite criar suspense e ambiguidade, elementos centrais nesse gênero. As adivinhas em Ndau são jogos de um desenvolvimento e treinamento de memória, da imaginação e da reflexão. Exprimem como tala os provérbios, uma filosofia de experiência acumuladas e dialéticas do cotidiano, servem unicamente de passatempo; porem mesmo assim tem valores, porque apresenta uso da língua na sua forma genuína e espontânea. Que são feitas através de uma pergunta ou afirmação onde alguém devera adivinhar a resposta. Sendo o jogo e feito por dois ou mais jogadores.

ADIVINHA: Ndiani **acingavereketi**, asi anopa masoko? ‘Quem **não fala**, mas dá mensagens?’

8.4 MÚSICA

Nas músicas em língua Ndau, observa-se uma combinação entre estratégias pós-inicial e a pós-final. Essa flexibilidade será relacionada a estrutura poética e rítmica do gênero. A negação pode ser posicionada de forma a acompanhar a métrica ou enfatizar uma emoção. A estratégia pós-final, embora rara em outros gêneros, aparece aqui como recurso estilístico. Por exemplo: onde a negação reforça o contraste emocional, na língua Ndau as músicas não tem um cuidado linguístico. Exploramos uma música abaixo, como um dos exemplos em Ndau.

MÚSICA: Handina kukanda pfumo

Estrofe 1

Inini **handina kukanda** pfumo

Moyo wangu wakaramba kutya

Ndakaringisa mucirima, **asi handina kutiza**

Tradução

Não joguei a minha lança

Eu não joguei fora a minha lança

Meu coração recusou o medo

Olhei a escuridão, **mas não fugí**

Estrofe 2

Itusu **hatidi kuzvejeka** munjira

Vana vo munyika vanodikana kumuka

Vakanditarira pasi, **asi handizivi kuwa**

Tradução

Nós **não queremos** nos perder no caminho

Filhos da terra devem se levantar

Eles me olharam com desprezo, **mas eu não caí**

Refrão

Handina, handina, handina kuregera

Ndagamira semuti mukuru

Handina, handina handina kutiza

Ndiri mwana wo mujimu

Tradução

Não, não, não desiste

Fiquei firme como uma árvore antiga

Não, não, não fugí

Sou filho do espírito ancestral.

8.5 TEXTOS NARRATIVOS DE LIVROS DIDÁTICOS DO 1º e 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Apresentam uso equilibrado entre a negação pré-inicial e pós inicial. Essa distribuição reflete a necessidade de clareza e formalidade, obedecendo a norma escrita da língua Ndau. A negação pré-inicial é usada para marcar oposição de forma direta, enquanto a negação pós-inicial contribui para a fluidez textual. Os textos abaixo mostram a negação pré-inicial e pós inicial como forma de instrução clara. De realçar que nos textos narrativos aqui apresentados temos aqueles textos que só apresentam uma ocorrência de negação, isto é, a pré-inicial ou a pós-final.

TEXTOS NARRATIVOS DE LIVROS DIDÁTICOS DO 1º e 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: Kucikora

Hakuna mwana **anokura acingajiji**. Vajiji vanofanira kujija zuva nezuva. Asi vana vamwene **havafaniri** kutamba nguva yese ngokuti zvinizovapeja nguva. Mujijisi anoti: **Hakuna** mundhu **anowana** budiroro pacina kushanda nosimba'. Vajiji vanofanira kuti **havasi** kwenda kucikora kuzotamba, asi kuzojija.

Tradução: Na Escola

Não há criança que cresça sem aprender. Os alunos devem estudar todos os dias. Mas alguns alunos **não devem brincar o tempo todo** porque isso lhes rouba o tempo. O professor diz: **Não há pessoa que tenha sucesso sem trabalhar duro**. Os alunos devem lembrar que **não vão à escola para brincar**, mas pode aprender.

Salientar que a análise feita revela que a escolha da estratégia de negação no Ndau está intimamente ligada a função comunicativa de cada gênero textual. Gêneros narrativos e poéticos favorecem a pós-inicial por sua fluidez e capacidade de construir significado progressivamente. Gêneros concisos e instrucionais, como provérbios e textos didáticos, preferem a pré-inicial por sua clareza e impacto imediato. A presença da pós-final exclusivamente nas músicas indica que essa estratégia é mais estilística do que estrutural, usada para efeitos poéticos e expressivos. Esses padrões estão em consonância com observações feitas em outras línguas moçambicanas, onde a posição da negação também varia conforme o gênero e a modalidade. As estratégias de negação na língua Ndau revelam uma sintaxe flexível e sensível ao contexto discursivo. A predominância da pós-inicial em gêneros narrativos e enigmáticos mostra a capacidade da língua de construir significados complexos. A preferência pela pré-inicial em gêneros concisos reforça a função pragmática da negação como marcador da oposição direta. A análise qualitativa por gênero textual oferece uma visão rica da dinâmica linguística na língua Ndau, contribuindo para os estudos sobre a variação sintática e pragmática nas línguas bantu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das estratégias de codificação da negação na língua Ndau evidencia a complexidade e a riqueza estrutural de uma língua bantu que, embora marginalizada nos estudos linguísticos tradicionais, revela traços morfossintáticos e discursivos de grande

relevância. A negação, enquanto categoria gramatical universal, manifesta-se no Ndau por meio de mecanismos específicos, que refletem tanto sua origem bantu quanto os efeitos do contato linguístico com línguas vizinhas, como o Shona, e com línguas coloniais, como o Português e o Inglês. Entre os principais recursos identificados, destacam-se os uso de morfemas negativos posicionados em relação ao verbo, e a variação dialetal que demonstra a dinamicidade da língua entre diferentes comunidades de falantes. Tais estratégias não apenas cumprem função sintática e semânticas, mais também revelam aspectos culturais e identitários dos falantes Ndaus, constituindo-se como elementos fundamentais para a compreensão da pragmática e da estilística dessa língua. Além disso, observa-se que a interferência de línguas de contato pode influenciar a estrutura da negação, especialmente em contextos urbanos ou em comunidades bilingues, o que reforça a necessidade de estudos que considerem a realidade sociolinguística dos falantes. Conclui-se, assim que o estudo das estratégias de negação na língua Ndau contribui significativamente para o campo da linguística africana, ao promover o reconhecimento e a valorização de línguas menos documentadas. Recomenda-se a ampliação de pesquisas nesse domínio, com vista à preservação da diversidade linguística e ao fortalecimento das identidades culturais dos povos africanos.

REFERÊNCIAS

- BLEEK, W. H. I. **A comparative grammar of south african languages**. Cape Town and London: J. C. Juta and Trubner & Co, 1862.
- CUNHA, A. F. Situando o funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUTHRIE, M. **Classification of the bantu languages**. London: Pall Mall, 1967.
- GUTHRIE, M. **Comparative bantu: Na introduction to the comparative linguistics and prehistory of the bantu languages**. Gregg Press, 1967/71.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**, 4ª ed., São Paulo: Editora Atlas S.A, 1999.
- MIESTAMO, M. **Negation: no overview of typological research**. Languages and linguistics compass. Vol 1, 2007.
- MIESTAMO, M. **Standard negation: The negation of declarative verbal main clauses in a typological perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DE MOÇAMBIQUE. **Livro de língua Ndau 1º e 2º ano**. Maputo: editora nacional, 2018.

MUTSVAIRO, S. **A influência do português na língua Ndaou: um estudo sociolinguístico.** Dissertação de mestrado (mestrado) - Universidade Eduardo Mondlane, 2015.

NGONYANI, D. **Sentential negation and verb movement in bantu Languages.** Berkeley: Linguistic Society of America, 2002.

NGONYANI, D. **The Morphosyntax of Applicatives.** Phd Dissertation, UCLA S, 1996.

NGONYANI, D. **The Morphosyntax of negation in Kihehe.** Studies in African Linguistics, v. 27, 1998.

NGUNGA, A. **A negação nas línguas bantu de Moçambique.** Revista de estudos linguísticos africanos, vol. 10, 2010.

NGUNGA, A. **Introdução a linguística bantu.** 2ª ed. Maputo: Imprensa universitária, 2014.

NGUNGA, A.; CÂMARA, C. **Relatório do IV seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas.** Maputo: Centro de estudos africanos, 2021.

Submetido em 30 de setembro de 2024

Aceito para publicação em 28 de dezembro de 2025